

Europa: o fim de uma ilusão

Não é possível ser, ao mesmo tempo, um gigante económico e um anão político e militar.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 10 de Dezembro de 2025

Durante décadas, o desígnio nacional americano foi a procura da hegemonia global. E a prioridade estratégica, o continente europeu. Tudo isso acabou com a nova Estratégia de Segurança Nacional de Trump. A *America First* acabou de vez com o objectivo de liderança mundial, agora, substituído pelo domínio do chamado Hemisfério Ocidental. A hegemonia regional, na luta contra a imigração, no controlo do comércio e, sobretudo, no combate à influência de potências rivais no espaço regional que considera o seu hemisfério. Isto é, o regresso à velha Doutrina Monroe de 1823: a América para os americanos.

Mas a prioridade estratégica também mudou. Já tinha começado a mudar: Bush filho para o grande Médio Oriente, Obama para o Indo-Pacífico. Mas, então, a Europa era ainda um aliado e, pelo menos formalmente, tratada como igual. Agora, com a Estratégia de Trump tudo isso mudou também. E não só a Europa desceu na hierarquia das prioridades estratégicas para um quarto lugar, depois do Hemisfério Ocidental, do Indo-Pacífico e do Médio Oriente, como, pior, já não é tida como parceira, mas como uma espécie de cliente menor, tratada com hostilidade e sobrançeria, a quem Washington se permite pôr e dispor sobre o que é bom e o que é mau para a sua posição internacional e, mais grave, para a sua política interna.

Os europeus acham que o que está em causa é, simplesmente, o défice comercial dos EUA, o *burden sharing* da NATO, ou a pressa de acabar a guerra à custa do território da Ucrânia para ganhar o prémio Nobel. Chamam a isso “transaccional” e acham que se resolve indo ao encontro da diplomacia dos negócios, como no caso das tarifas e dos 5% da NATO. É verdade: é tudo isso que está em causa. Mas convinha que percebessem que é muito mais do que isso. Mais profundo e mais grave.

Para a Europa, a nova Estratégia de Trump significa, pelo menos, duas coisas: uma nova ordem internacional; e um outro lugar da Europa no mundo. E nenhuma delas é para melhor.

Primeiro, a ordem internacional. É o fim do primado da norma e o princípio do primado da força na ordem internacional. O fim de uma ordem baseada em regras e o princípio de uma ordem baseada em negócios e na diplomacia coerciva que os sustenta: tarifas, sanções e ameaças. É o fim da ordem multilateral e o princípio das esferas de influência. E que, à maneira imperial do século XIX, os grandes ditam as regras dentro e fora das fronteiras dos outros e vêem o seu direito à expansão

territorial como legítimo, enquanto os pequenos se limitam a obedecer porque não têm mais que uma soberania limitada.

O texto da Estratégia é lapidar: “A influência desproporcional das nações maiores, mais ricas e mais fortes é uma verdade intemporal das relações internacionais.” O princípio da esfera de influência autoriza e legitima a Rússia na Ucrânia, os EUA na Venezuela e quem sabe, no futuro, a China em Taiwan.

Segundo, o lugar da Europa no mundo. O ponto sobre a Europa parece-se menos com uma Estratégia de Segurança Nacional e mais com um manifesto político-ideológico. É simples: a Europa é um continente em crise demográfica, assolado por uma imigração descontrolada que está a minar os fundamentos da sua economia e da sua identidade, em apagamento civilizacional. Mais, que está a bloquear a paz na Ucrânia e a subverter a democracia. Em todo o mundo, é mesmo a única ameaça à democracia que a Estratégia consegue encontrar. E é por isso, diz, que os EUA têm o dever de “cultivar a resistência à trajectória actual no interior das nações europeias”. Como? “Encorajando os seus aliados políticos na Europa... e promovendo a influência crescente dos partidos patrióticos europeus”. Isto é, da direita radical e da extrema-direita na Europa.

A Estratégia nunca o diz explicitamente, mas não é preciso ser muito perspicaz para perceber que a Europa é tratada como parte da esfera de influência americana, cliente menor e limitada na sua soberania. A grande potência tem, por isso, o direito de ditar não só as condições da sua defesa, mas, pior que isso, o seu destino político interno.

Os europeus andaram décadas a alimentar uma ilusão. A nova Estratégia de Trump acaba com ela. Não é possível ser, ao mesmo tempo, um gigante económico e um anão político e militar. O anão acaba por derrotar o gigante. Convém que os europeus aprendam a lição. E, já agora, outra que, de Napoleão a Hitler, todos os imperadores que tentaram unificar a Europa pela força só conheceram depois da derrota: a unificação política não se consegue sem legitimidade democrática.

<https://www.publico.pt/2025/12/10/opiniao/opiniao/europa-fim-ilusao-2157523>